



BIOGRAFIA

LULA

VOLUME 1

Fernando
Morais

COMPANHIA DAS LETRAS

VOLUME 1

- 1** Com a prisão decretada por Moro, Lula decide não se entregar à Polícia Federal: — Eles que venham me prender. 11
- 2** Após revirar a casa de Lula, a Federal gruda um microfone no sofá para gravar secretamente as conversas do casal. 28
- 3** A GloboNews solta uma fake news (“Lula vai resistir à ordem de prisão de Moro”) e a audiência do canal sobe 694%. 44
- 4** Emidio descobre que a Federal tem não um nem dois, mas vários espiões filmando tudo o que acontece dentro do sindicato. 68
- 5** Depois de enfrentar a vizinhança e a Polícia Federal, uma centena de pessoas passa 581 dias saudando Lula, que não as via, só ouvia. 86
- 6** Vermelho, o hacker, escancara as portas do inferno e o STF sepulta Moro e a Lava Jato. Lula sai da cadeia candidato a presidente do Brasil. 130
- 7** Jardim Lavínia, abril de 1980. Com a polícia na porta para prendê-lo, Lula ruge: — Estou dormindo, porra! Eles que se fodam! 166
- 8** A Marinha viola a correspondência da Cúria e revela que o cardeal Arns pediu à Igreja alemã apoio à greve do ABC. 185
- 9** Depois de uma infância cruel, morando em lugares degradantes, Lula recebe a chave do paraíso: o diploma do Senai. 202

- 10** A noiva dá um ultimato a Lula.
— Você tem que escolher: o sindicato ou o casamento. Os dois não dá. 224
- 11** — Já sei, doutor, meu bebê nasceu morto.
— Seja forte, seu Luiz, porque a notícia é pior: a Lourdes, sua esposa, também faleceu. 242
- 12** Em sua primeira viagem ao exterior, Lula deixa Tóquio às pressas e volta ao Brasil: seu irmão estava sendo torturado no DOI-Codi. 266
- 13** Após passar anos excomungando a classe política, Lula começa a preparar o caminho para criar o PT. 292
- 14** Enquanto Lula enfrenta a polícia e o patronato no ABC, Brizola tenta ressuscitar o PTB e leva uma rasteira de Golbery. 321
- 15** Lula junta operários, políticos, intelectuais e ativistas de esquerda, cria o PT e, dois meses depois, é levado para a prisão. 339
- 16** No meio da madrugada, um educado senhor engravatado interroga Lula num cubículo do Dops: era o enviado de um general, codinome “Cacique”. 353
- 17** Surrado nas urnas, Lula entra em depressão e decide abandonar a política. Vai a Cuba, ouve Fidel e volta ao Brasil para ser o deputado mais votado da história. 377

Apêndice

Uma radiografia do comportamento dos grandes veículos de comunicação na guerra contra Lula e seu partido. 400

Posfácio 415

Bibliografia 424

Créditos das imagens 429

Índice remissivo 431

Com a prisão decretada por Moro, Lula decide não se entregar à Polícia Federal: — Eles que venham me prender.

A atmosfera era a de um modorrento fim de expediente como qualquer outro. Faltavam alguns minutos para as seis horas da tarde da quinta-feira 5 de abril de 2018, e nos escritórios separados por divisórias do Instituto Lula funcionários fechavam gavetas e desligavam computadores. Numa pequena sala de reuniões tomavam café e conversavam a portas fechadas a ex-presidente Dilma Rousseff, o senador Cid Gomes, do PDT do Ceará, e a senadora paranaense Gleisi Hoffmann, presidente do Partido dos Trabalhadores. Valeska Teixeira e Cristiano Zanin, advogados de Lula, deram boa-noite às poucas pessoas que ainda estavam ali e foram embora. Magro, alto, elegante e com ar de coroinha de igreja, Zanin assegurou, sereno, aos jornalistas de plantão na calçada, que, se a lei fosse cumprida, não haveria risco de prisão imediata de Lula:

— Mesmo na perversa lógica da prisão antecipada após a segunda instância, deve prevalecer decisão do próprio Tribunal Regional Federal de Porto Alegre, que assegura que a prisão só se dará após o esgotamento dos recursos naquela instância, e isso ainda não aconteceu.

Dentro do instituto não havia tensão, mas um sombrio clima de expectativa. Receava-se que a decisão da Suprema Corte naquela madrugada, negando por 6 a 5 (com o voto de desempate da ministra Rosa Weber) mais um dos vários pedidos de habeas corpus impetrados pela defesa do ex-presidente, que visavam impedir sua prisão antes de esgotadas todas as possibilidades de recurso, abrisse as portas para o pior dos cenários, o temido desfecho: a decretação da prisão de Lula

pelo juiz Sergio Moro, da Justiça Federal da cidade de Curitiba, capital do Paraná.

Do ponto de vista estritamente jurídico, todo mundo ali sabia que após a decisão do Supremo a prisão poderia ser decretada a qualquer momento. O sentimento generalizado, porém, era que nada justificava que isso ocorresse imediatamente. O que se imaginava naquele pequeno prédio de dois andares, puxados e subsolos nas imediações do Museu do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo, era que Moro só expediria o mandado no começo da semana seguinte. Não era uma expectativa unânime. Uma das vozes discordantes era a do senador Lindbergh Farias (PT-RJ), recém-chegado de uma reunião com o criminalista Celso Vilardi, professor de direito da Fundação Getulio Vargas, cuja opinião divergia da de quase todos os que estavam no instituto. Segundo Vilardi, repetiu o senador, a prisão era iminente e poderia acontecer antes que ele terminasse a frase.

Lula não pensava assim. Certo de que passaria o fim de semana em liberdade, deixou sua sala, no segundo pavimento, desceu as escadas de caracol até um pequeno hall com dois sofás e paredes de vidro fosco e pediu a seu jovem assessor, o cientista social Marco Aurélio Santana Ribeiro, o “Marcola”, que o pusesse em contato telefônico com Moisés Selerges. Descendente de alemães, o parrudo Selerges, sempre de cabeça raspada à navalha e camisas de coloridas estampas havaianas, tinha 52 anos, 35 dos quais passara trabalhando como pintor de chassis de caminhões na fábrica da Mercedes-Benz. Era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD e muito próximo a Lula.

Sentado de costas para a porta de entrada do instituto, Lula contou, na rápida conversa telefônica com o amigo, que estava na expectativa de ser preso na semana seguinte, e pediu a Moisés que organizasse um churrasco “meio secreto” para um pequeno grupo de amigos na manhã de sábado, no sindicato, para poderem relaxar “com uma costela e uma cachacinha”. Esperando a chamada terminar para pegar seu celular de volta, Marcola estranhou ao ver retornarem pela porta da rua, lívidos, os advogados Valeska e Zanin. Um passo à

frente do marido, ela exibiu a tela do celular com a manchete do site UOL que se disseminaria pelo planeta dali a instantes: “Moro decreta a prisão de Lula”. Habitado a uma Justiça sabidamente morosa, o casal de advogados não calculou que os desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, conhecido como TRF4, de Porto Alegre, pudessem agir em tempo recorde e, naquela mesma tarde, liberar o processo para que Moro decretasse a prisão. Nos três parágrafos finais da sentença, publicada pela internet, o magistrado transformava em “concessões” o que, por lei, eram direitos do réu:

Relativamente ao condenado e ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, concedo-lhe, em atenção à dignidade [do] cargo que ocupou, a oportunidade de apresentar-se voluntariamente à Polícia Federal em Curitiba até as 17:00 do dia 06/04/2018, quando deverá ser cumprido o mandado de prisão.

Vedada a utilização de algemas em qualquer hipótese.

Os detalhes da apresentação deverão ser combinados com a Defesa diretamente com o Delegado da Polícia Federal Maurício Valeixo, também Superintendente da Polícia Federal no Paraná.

Esclareça-se que, em razão da dignidade do cargo ocupado, foi previamente preparada uma sala reservada, espécie de Sala de Estado-Maior, na própria Superintendência da Polícia Federal, para o início do cumprimento da pena, e na qual o ex-Presidente ficará separado dos demais presos, sem qualquer risco para a integridade moral ou física.

Sergio Fernando Moro

Curitiba, 5/4/2018, às 17:50:10

A decretação da prisão de Lula consagraria Moro como líder de um terremoto político iniciado quatro anos antes, e que tinha como epicentro a chamada Operação Lava Jato, por ele comandada. Convertido com a ajuda de assombrosa máquina de propaganda em super-homem e herói nacional, o até então provinciano juiz paraense Sergio Fernando Moro, 45 anos, voz esganiçada, se jactava de

ter chefiado uma guerra à corrupção sem precedentes na história do país. E contabilizava, à luz dos holofotes do horário nobre das TVs ou nas capas das revistas semanais, haver condenado a séculos de prisão, à frente da Lava Jato, quase uma centena de políticos, donos de empreiteiras, diretores e presidentes de gigantes estatais, banqueiros, empresários, publicitários, doleiros e até anônimos cidadãos comuns, apanhados pelas balas perdidas da operação. Assíduo em palestras a empresários, advogados e policiais, em plateias de todos os continentes, o jovem magistrado enchia o peito para anunciar que expedira mais de mil mandados de busca e apreensão, medida que permitira recuperar para os cofres públicos “mais de R\$ 4 bilhões pagos em subornos”.*

A sanha de Moro e seus seguidores no Ministério Público não parou por aí. Com base em legislação criada originalmente para facilitar a elucidação de crimes hediondos, como sequestro e estupro, a chamada “colaboração premiada” permitiu que a Operação Lava Jato construísse uma monstruosidade adicional: a banalização da delação. Ao longo da vida, gerações aprendem que ninguém é mais sórdido e infame que o alcagute, o dedo-duro, o cachorrinho, o delator, algo que só caberia num tratado geral da canalhice. O senso comum sobre a repugnância da delação seria exposto pelo empreiteiro Marcelo Odebrecht, diante das câmeras de televisão, em 2015, durante uma de suas primeiras aparições públicas após o início da Lava Jato:

— Entre o meu legado, eu acho que tem valores, inclusive morais, dos quais eu nunca abrirei mão. [...] Quando, lá em casa, as minhas meninas tinham discussão e tinham briga, eu dizia: “Olha, quem fez isso?”. [...] Eu talvez brigasse mais com quem denunciou...

O código moral particular do enrolado empresário podia ser sólido, mas não era eterno. Ele próprio acabaria se curvando àquilo que os presos da Lava Jato apelidaram de “pau de arara de veludo”, uma referência jocosa ao instrumento de tortura de presos políticos

* Para um levantamento das manchetes da grande imprensa desde a Operação Lava Jato, ver o apêndice “Uma radiografia do comportamento dos grandes veículos de comunicação na guerra contra Lula e seu partido” (p. 400).